

O CATHARINENSE

JORNAL POLITICO E NOTICIOSO.

Este jornal publica-se as quartas-feiras e sabdos de cada semana; assigna-se na typographia Catharinense rua do Livramento n. 34 a 6\$000 por anno e 3\$000 por semestre, pagos adiantados. Os annuncios dos Srs. assignantes, ate 10 linhas serão inseridos gratis, e para aquelles que não forem pagarão a 60 reis por linha.

O CATHARINENSE.

Entre os maos costumes, que infestão a nossa sociedade, alias presumida de civilisada e culta, um ha, que tem passado despercebido, mas que entretanto é a origem de bem graves e terriveis inconvenientes.

Queremos fallar do uso entre nós adoptado de attribuir-se á esmo, e as mais das vezes sem nenhum fundamento plausivel, á este ou áquelle individuo a paternidade dos artigos anonimos da imprensa jornalística, chegando-se até a affirmar como certo o que muitas vezes não é mais do que leve presumpção, que deveria sempre ter o valor relativo ás intelligencias que a concebem!

Lembra-nos neste momento de um nosso amigo, que a respeito de liberdade de imprensa opinava que os artigos jornalísticos deverião todos ser assignados por seus auctores, ou ao menos pelos interessados na sua publicação.

E com effeito, desse modo evitava-se ao menos essa especie de --jogo da cabra cega--, cujos resultados, que tanto desmoralisão a bella instituição da imprensa, não podem deixar de ser funestos.

Apparece um artigo anonimo, principalmente em tempo de eleições, politico ou noticioso, e o individuo que nelle se der por offendido, ou mesmo os *advinhões* e bons conhecedores de estylo, dizem e repetem que aquelle escripto é de Pedro, e dahi á opucoahi vereis Pedro, que não se involvera nessas questões, ser o alvo das mais ridiculas allusões e torpes injurias, em quanto Paulo, que é o verdadeiro auctor do artigo, está a rir-se do engano, e mesmo d'elle tirando algum partido.

Pois se a lei qualifica de calumnia, e pune como um crime o attribuir-se falsamente a algem um facto em que tenha lugar a acção popular, como é que com tanta facilidade se

calumniam mutuamente os nossos concidadãos, chamando uns sobre os outros a o diosidade publica.

Não será por ventura uma injuria e imputar-se á algem cousas que possão expôr ao odio ou desprezo publico, ou prejudicar a reputação individual?

É entretanto tudo isto se pratica desde que ha imprensa em Santa Catharina, e todos deixão-se insensivelmente contaminar desta enfermidade moral tão repulsiva.

O que estas linhas escreve tem soffrido um milhar de vezes a attribuição da auctoria de escriptos, que versão sobre questões a que é inteiramente alheio, e outras tantas vezes tem sido o objecto das mais dolorosas injurias e doestos, e apezar do caracter moral, de que se preza, tem-se-lhe até attribuido nesciamente a paternidade de pasquins e libellos injuriosos, e neste jogo da cabra cega tem-se achado involvido, sem que dê cauza, por muitas e repetidas vezes!

Apezar dessa já tão antiga fatalidade, tem bem tranquillã a consciencia, restando-lhe ainda o recurso de protestar com todas as forças contra esse costume immoral e revoltante, que, além de outros inconvenientes, abre campo á intriga, e promove inimizades e discordias.

Ao publico.

Desde que nos chegaram ás mãos informações exactas do resultado das eleições primarias em as diversas parochias da provincia, assim como das irregularidades, e faltas essenciaes occorridas em seu processo, entendemos, que haviamos triumphado de direito e de facto.

Nesta convicção descansamos a ponto de declarar á alguns de nossos amigos que a nossa missão na imprensa da provincia estava cumprida, e que era na córte, junto

dos Poderes do Estado, e em um dos principaes orgãos da opinião publica, que deviamos desculpar a importante questão do mandato popular, que sem duvida linha de ser levada ao conhecimento d'Augusta Camara dos Srs. deputados. Para justificar nossa humilde opinião basta apreciar a gravidade, calma e circunspeção com que dever ser tratado negocio de summa transcendencia, condições estas que não nos poderiam garantir os Argos e Chavecos de Santa Catharina: e que serão de esperar de uma imprensa, onde os salteadores d'alheia reputação, não são admittidos sem arrancar a mascara do anonymo, com que entre nós tem impune e escandalosamente assaltado o santuario da vida privada.

Animados destas disposições, e sem tomar mais parte em ociosas discussões na imprensa desta capital, tratavamos de escrever a historia de nossas ullimas eleições, acompanhando a de um juizo critico, e da mais severa e minuciosa analyse, a fim de provocar uma discussão franca, honesta e regular, não com pasquieiros insolentes, e ignorantes, mas com aquellas pessoas, que prezão a sua dignidade, respeitando a alheias, e sabem escrever, guardando as conveniências, que exige a delicadeza e urbanidade do homem polido; quando fomos sorprendidos por alguns artigos, em que se nos dirigiram allusões offensivas e evidentemente calumniosas abrigadas sob a capa do anonymo, como usão os salteadores da imprensa ou aquelles cujos nomes por desacreditados não se atrevem a apparecer.

Estes artigos pois, a que nos referimos foram escriptos no Argos e Chaveco, jornaes que se imprimem nos prèlos do Sr. José Joaquim Lopes, e segundo a logica deste Sr. Mestre, e elle o responsavel solidario do contheudo de todas as suas columnas, quer venhão, como artigos editoriaes, quer como communicados, e pedidos, correspondencias, annuncios. & Assim parece-nos não fazer injustiça agradecendo a este Sr. as bernardices com que nos mimo-ça, sem lhe havermos dado para isto motivo, e louvando a habilidade com que se faz de vistas gordas, para não ver a tranca, que tem entre os olhos, ao passò que è lynce para lobrigar objectos, que lhe estão muito distantes.

Por ora lemitamo-nos a estas linhas. Ninguem as tome por uma declaração arrancada pelo terror do sermos atado de novo ao pelourinho dessa imprensa abastardada e obscena, onde caracteres bem respeitaveis não tem sido poupados. Não é a primeira vez, que muito do proposito se nos tem

dado a paternidade de artigos, que não escrevemos, só com o fim de nos injuriar; e nos temos supportado por outrem o prezo dos baldões, e o amargor de calumnia, por que sabemos ser amigo. Estas considerações tem por fim de prevenir ao publico, de que se entrarmos de novo em polenica com o Sr. José Joaquim Lopes, por si, e por seu ineparavel collaborador anonymo, de certo não foi por nós provocada.

Somos fracos para aggreddir e nunca o fazemos; porem na defensiva temos consciencia de nossa força.

Desterro 22^o de Janeiro de 1861.
O. P.

CORRESPONDENCIAS.

Sr. Editor.

Laguna 16^o de Janeiro de 1861.

He preciso ter perdido absolutamente o brio para mentir com tanta protervia!

E quem disto duvidar, leia a carta estampada no progressista de 5^o feira 10 do corrente mez, sobre as occorrencias da Laguna.

Rompe esse Lamegista como um leão e pára como o mais lerdo sendeiro.

Principia por dizer que só um unico de seus membros entrara na confecção da meza parochial, dando assim como *passado* o seu juiz de paz.

Pois recusou este receber cedulas de mais de 40 volantes seus: ora 40, com mais 7, pelos quaes, diz mais adiante que nos venceu, sommar 47: e pouco depois acrescenta: se isso não fóra, havia a maioria de mais de 70 votos!

Que *phosphoricos* não são ostaes inqualificaveis, que o seu proprio juiz de paz os recusou!

E não sem duvida, dos que o Sr. Lamego ou a sua gente mandou encerrar em uma caza de sobrado, tirando—lhe depois as escadas, para que não desertassem!

Calumnia, esse *eximio* escritor, de uma maneira indigna, so para que prevalessam suas alicantinas, aos muito prudentes e circumpectos Dr. juiz de direito, delegado de policia e Revm. vigario, os quaes portaram—se com toda a dignidade que os caracteriza, jamais descendo da posição, que requerem os cargos que merecidamente exercem, tratando sempre de aplacar os animos dos que não podiam ver com indifferença tanta corrupção e trapaças, praticados pela parcialidade *Lamego-Progressista*.

Se quereis saber quem mal procedeu procurai as entidades elogiadas no *Progressista e Argos*, e não carecereis de mais indagações nem provas.

Contra a saudação ao *valente, discreto e prudente*, feita a queima roupa pela tripece bateria, protesta allamente a alma do finado Joaquim da Costa e Silva, o qual, houve tempo, em que deu disso o mais completo desmentido.

O *atildado* escritor irroga uma injuria aos Lagunenses, quando diz que o Sr. Antonio José da Silva esteve exposto ao punhal do sicario!

Entre os Lagunenses não existem sicarios. O mesmo Sr. Silva, que conhecemos como homem de bem, não acredita nisso.

He falso que houvessem gritos de: *avança, avança minha gente! nem sujeitos mal trajados, com ponche e tremendas faças.*

Tudo isso, era um pobre homem da roça, que, por ignorancia, appareceu com seu ponche.

Que redicularia!...

Os Lameguistas, pois, que tinham maioria para mais de 70 votos, compraram em Caputera mais 20 votos por um conto de reis, em Araranguá outros tantos, e a final, disem elles, que venceram por 7!

Na Pescaria Brava, alem da compra de muitos votos, não admitindo a mesa muitos votantes contrarios, não quiz esta inserir na acta um protesto contra suas irregularidades, e tiveram os seus o desafôro de espalhar por entre a quella gente simples e ignorante que o Sr. Lamego estava pouco abaixo de Deos, e que já fazia milagres. !!!

Quê glória para um candidato, da bitóla do que se trata, ver-se elevado á cathegoria de um *semi-deos*!

E comtudo foi isto uma realidade!

Mas de todo o disfrute o que nos deu mais no goto, foi vermos o Sr. Lamego a apresentar-se com o seu bordado fardão e chapéo de Chille, apcar-se do alto das sublimadas torres do seu habitual castelo de vento e de orgulho, para o mais rasteiro e abjecto charco, metter-se por entre um magote de pretos, que festejavam N. Senhora. do Rosario, apertar a mão a todos elles, e faser-lhes mil rediculas misuras, ao som dos estállos dos foguetes do ar!

Valeu-uos não ter apparecido o segundo

candidato, senão, terião sido os foguetes á *congreve*, e neste caso tudo ficaria raso como a lama.

O Imparcial.

Sr. Redactor,

Aproxima-se o grande dia em que o corpo eleitoral deve pronunciar o seu veredictum, designando os cidadãos que teem de occupar na camara temporaria as duas cadeiras concedidas a esta provincia. Brasileiro, dotado de um coração enthu-iasta pelas causas da minha patria, eu desmenteria dos principios liberaes que sempre nutri, se deixara passar uma occasião tão solemne sem dirigir-me aos meos patricios, eleitores catharinenses, para faser-lhes ouvir a voz conscienciosa de um homem que só almeja a liberdade, e com ella a prosperidade deste tão bello paiz.

Conheço o Sr. Lamego, tão bem como as palmas da minha mão; e por tanto seria um cobarde se não guerreasse a sua candidatura, muito embora S. Exc. se inculque filho do sol e netto da lua, afilhado do governo, e protegido do seo delegado.

Sou muito bom patriota para consentir com o meo silencio que Santa Catharina dê a mais desgraçada prova de regresso, enviando á camara dos debutados, da qual foi ornamento o general Coelho, o disfrutavel *progressista* general Jesuino.

Intitula-se *progressista*! Já se vio maior offensa ao bom senso? *Progressista* um homem que diz—*veio com nós—nós semos*—!

Não terão os olhos abertos os Catharinenses? Não virão a humilhação por que passou a provincia tendo em 1860 um deputado, que mal ousou dar apartes em menosyllabos, e que assim mesmo provocou a hilaridade de uns, e a compaixão de outros?

Com deputados semelhantes que parcella de gloria darão á Santa Catharina Annaes de Parlamento Brasileiro?

Quando os partidos se organisão, quando a peléja hé inevitavel, e só della póde resultar o triumpho das idéas, e progresso das provincias, hé que Santa Catharina quer dar diploma de talentoso e instruido a um homem que só tem por si a bizaria de forma material, a um homem que nem mesmo pode ser testemunha intelligencia do pue se passár no parlamento?

Não hé isto uma irrisão, não hé sevandijar o voto, comprometer a provincia, convertendo-a n'uma especie de Beocia, que perdeu no general Coelho o seo Plutarcho, e apenas tem a antilhesa deste no Sr. Lamego!

O' Catharinenses, não é a parcialidade quem me dita taes expressões; estudai o vosso homem,

e conhecereis que o favoreço ainda, na pintura que faço.

Não se escolhe um deputado pela figura, pelo dinheiro que gasta, pelas promessas mentidas que faz. Isso tudo é transitório; até mesmo a bella presença, que pela falta de espirito, é apenas considerada uma enormidade.

O melhor deputado é o de melhor cabeça. Mandai o candidato *progressista* discorrer meia hora sobre assumpto importante, como se esquivasse na tribuna parlamentar; e vos desafia a que lhe deis depois um voto de consciencia.

Não vos inculca ninguém; mas digo-vos, sem paixão nem despeito, que esse Sr. Lamego não estodou para deputado; faltão-lhe todos os preparatorios, entre elles *primeiras letras*.

O partido liberal tem obtido triumpho na corte, no Paraná, em São Paulo, e outros pontos do Imperio. Conclue-se d'ali que a opinião se transforma, e que o governo sustentou a palavra de que não intervia nas eleições.

Logo que esses phenomenos se dão naturalmente, deve-se suppor que a ordem moral os reclama; e neste caso não ha que temel-os nem impedil-os.

O timo e prudencia do grande regulador da nossa sociedade, isto é do chefe da nação, guiarão o paiz por nova estrada politica, e Deos protegerá o Brasil.

B. A. J.

VARIÉDADE.

Lynce, animal quadrupede, de que fazem menção Virgilio, Horacio e Plinio. Segundo refere Appiano, ha duas especies de lynces, uns maiores que caçam veados, e outros mais pequenos que caçam lebres. Este animal, na opinião dos antigos, tem a vista tão perspicaz, que penetra as paredes, e escreve Plinio, que na orina do lynce se forma uma pedra preciosa, à qual por esta razão chamou *lyncurium*. Na opinião dos modernos o lynce é propriamente, o que chamamos *lobo cerval*. Entre outros, Johnstou é deste parecer, e tem com que fundar a sua opinião em Eliano, que diz que o lynce tem na estremidade das orelhas um tope de cabellos, que é um signal, que tambem se acha no lobo cerval. Em quanto à agudeza da vista, parece fabula, fundada com em outra, a saber, que um dos Argonautas, chamado Lynceó, tinha tão boa vista, que via o que se fazia no inferno, e juntamente descobria a lua no primeiro dia da conjunção, o que tam-

bem não pôde ser porque então a parte da lua, que olha para a terra, não tem luz alguma do sol. Os modernos que tem melhor noticia do lynce, descrevem desta forma; O lynce é animal quadrupede do tamanho de um grande cão. É esperto, e feroz. Tem a cabeça, e orelhas pequenas, negras, e de figura triangular, olhos scintillantes, e vista mais subtil e ajada que qualquer outro animal. Tem barbas, ou sedas brancas nos cantos, ou lados de boca, como gato, e todo o corpo coberto de um pello branco como lã, de cor alvadia, e salpicado de negro; tem o rabo curto, pés felpudos, cinco dedos nas maos, e nos, quatro como garras, ou unhas curvas como as da aguia, ou abutre.

Vive este animal nos matos ou lugares desertos de Moscovia, Lituania, Suecia, e America; faz companhia com os veados e porcos mentezes; mas acommette, como o lobo, os mais animaes, e os devora, e é muito goloso de miolos.

Alguns confundem este animal com o arcos, por causa dos seus cem olhos.

ANNUNCIOS.

Devendo ter lugar no dia 2 feveireiro proximo futuro a Solemnidade de N. S. do Desterro Padroeira desta capital, com festa de manhã sermão ao evangelho pelo reverendo vigario Joaquim Gomes d'Oliveira e Piva, procissão á tarde, Tedeum, e sermão á entrada da mesma procissão pelo reverendo Francisco Pedro da Cunha; o abaixo assignado convida a todos os parochianos hajam de assistir a referida solemnidade, bem como á novena, que deve ter lugar na vespera do mencionado dia; e roga às pessoas que costumão dar anjos hajam de prestar-se ao dito fim. Desterro 21 de Janeiro dd 1861.

O Procurador da devoção
Emílio Caetano Marques Aleixo.

Guilherme Cristiano Lopes com loja de seleiro na rua da cadeia n. 3 tem para vender objectos pertencentes a sua officina tudo por commodos preços como sejam arreios e chicote, selim para montaria de Homem e de Senhoras Cidade do Desterro 15 de Janeiro de 1861.

Guilherme Cristiano Lopes.

Typ. catharinense de G. A. M. A. -- 1861.
O director -- Francisco Vicente Avila.